



---

Valor Econômico – 30/Jul/2003

## Inconsistências comprometem modelo *Do Rio*

As dúvidas dos investidores e empresários do setor de energia foram cristalizadas ontem nas apresentações feitas durante todo o primeiro dia do Energy Summit 2003. Para grande parte dos investidores, o modelo em gestação no Ministério de Minas e Energia "não para de pé" devido a diversas inconsistências como o planejamento centralizado e determinativo (que eleva os custos) aliado à modicidade tarifária.

Na avaliação de Cláudio Sales, presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE) esse tipo de planejamento "tende predominantemente a assumir cenários otimistas, gerando custos adicionais para consumidores e contribuintes". O CBIEE acha que "não é óbvio" na proposta do governo que haja um reconhecimento de que dois terços dos investimentos necessários para aumentar a geração terão que vir do setor privado e apenas um terço do estado. A CBIEE acha que o modelo proposto induz a que se construa muito mais do que o necessário.

A consequência disso pode ser medida numa simples constatação: 10% de sobreconstrução custará ao consumidor pelo menos R\$ 1 bilhão por ano, podendo anular em três anos os ganhos com a reforma da Previdência". Isso porque a reforma proposta pelo governo prevê uma economia para o país da ordem de R\$ 2,5 bilhões por ano.

Os cálculos foram reiterados pelo analista Pedro Batista, do banco Pactual, para quem o modelo aumenta a percepção de risco no setor. "O que reduz risco, economicamente falando, é um modelo equilibrado", ressaltou Batista.

Sales também lembrou que a proposta não reduz impostos e nem a carga tributária do setor. "O grande desafio é conciliar a necessidade de saúde econômico-financeira do setor com a limitação de renda do consumidor brasileiro", frisou.

Para o secretário de Energia do Rio de Janeiro, Wagner Victor, o modelo não tem "bancabilidade". Lindolfo Paixão, ex-presidente do Mercado Atacadista de Energia (MAE) lembrou que o setor elétrico passa pela sua terceira crise em dez anos. "É a crise da paralisia", definiu. E acrescentou: "Em 40 anos de setor nunca viu nada igual." As outras duas crises, foram, segundo ele, a de 1993, que resultou em prejuízo de US\$ 30 bilhões para o Tesouro, e a do racionamento em 2001. Paixão acha "impróprio" mexer com o modelo do setor no momento, e fez uma crítica indireta à ministra Dilma Rousseff: "As pessoas estão fazendo mais tumulto do que resolvendo as questões".

A ministra e o secretário executivo do Ministério de Minas e Energia, Maurício Tolmasquim, procuraram tranquilizar os investidores garantindo que todos os contratos serão honrados e nada será feito sem debate com o setor. Tolmasquim rebateu parte das críticas explicando as razões que levaram o governo a impedir o "self dealing" (auto-produção de energia por distribuidoras), que segundo ele tem sido danoso ao consumidor, já que as distribuidoras constroem usinas caras repassando o custo para a tarifa.



---

Investidores espanhóis que preferiram não se identificar mostram-se aflitos com os rumos das mudanças propostas pelo governo. "Vamos pagar pelos erros do regulador e não termos compensações" , previu.

(CS e FG)